

A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS DO RIO DE JANEIRO

ELOÍSA PEREIRA BARROSO*

Resumo: As ideias que se constituem como matéria de linguagem da crônica de João do Rio criam a “cidade texto”, que é capaz de captar o dinamismo da vida urbana e os diversos sentidos atribuídos à cidade. Ao se estabelecer uma leitura da cidade de João do Rio sob o prisma da história, a análise do texto literário, que tem o Rio de Janeiro como o espaço das crônicas possibilita ao historiador ir de encontro a um espaço de apreensão e, ao mesmo tempo, de revelação de como se constrói a história da sociedade e se realizam as relações sociais. Diante dessa perspectiva o objetivo aqui é extrair temas que aproximam o texto deste literato das grandes discussões da história cultural, na medida em que a vida urbana, além de tessitura literária, é tema de análise para as diversas questões que se colocam aos historiadores na modernidade.

Palavras-chave: Modernidade; Cidade; Literatura; História.

***Abstract:** The enchanting soul of streets of Rio de Janeiro. The ideas which constitute themselves as matter of language of João do Rio's chronicle create the “city-text”, which is able to collect the dynamism of the urban life and the diverse meanings attributed to the city. When one establishes a lecture of the city of João do Rio*

* Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) e docente da UnB. E-mail: <eloisabarroso@uol.com.br>.

under the prism of history, the analysis of literary text, which has Rio de Janeiro as a space of chronicles, allows the historian to go against a space of apprehension and, at the same time, of revelation of how the history of society is built and social relationships are performed. Given this perspective, the objective here is to extract themes which approximate the text of this literate of great discussions of the cultural history in that urban life, in addition of literary fabric, is theme of analysis for the diverse questions which put themselves for historians in the modernity.

Key-words: *Modernity; City; Literature; History.*

A literatura brasileira do início do século XX é caracterizada por uma sensibilidade aguda na qual emergem diversos escritores que irão marcar definitivamente a linguagem ficcional no Brasil. Vários foram os autores preocupados em desvelar as tensões e as contradições da *invenção* da República. No padrão da invenção republicana, o regime imposto como verdade inquestionável é submetido à subjetividade literária de Machado de Assis, de Lima Barreto, de João do Rio, de Euclides da Cunha, de Augusto dos Anjos, e de outros. Esses autores, através da linguagem e da estética reverterem em seus textos o sentido da história real. Questionam o teológico da verdade pregada pelo Estado. A literatura, ao não ter compromisso com o real, subverte a ordem

instituída, espreita e revela o fetiche vigente na vida urbana, pois, como afirma Sevcenko, “a República, contrariamente, viera consagrar a vitória da irracionalidade e da incompetência.”¹

Para a construção da história a qual nos propomos – a compreensão do passado a partir da compreensão do sentido do fazer humano e da inclusão do homem como sujeito do processo histórico – entendemos que a literatura entrecruzada com a história se apresenta como uma possibilidade de compreensão das experiências vivenciadas no cotidiano. Isto porque tanto a arte, como outros saberes não são estáticos, se transformam ao longo da vida e acabam por assumir características próprias ao seu momento histórico; por fim, cabe ressaltar ainda que a literatura, junto com o discurso histórico, ao criarem um conjunto de imagens, permitem ao pesquisador a leitura de práticas sociais.

Assim a narrativa literária junto à narrativa histórica possibilita ao pesquisador visualizar e compreender como os moradores da cidade constroem suas experiências e projetam suas aspirações no espaço urbano. Como escreveu Thompson, esta construção está permeada de motivações subjetivas fortes e tão reais quanto às objetivas, pois elas nos revelam o modo como as pessoas sentem, amam, odeiam ou preservam certos valores inscritos na própria linguagem presentes na percepção da cidade.²

¹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 87.

² THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio Janeiro: Zahar, 1981.

Neste mundo social as representações instauradas são o que nos permitem compreender o sentido da experiência da qual fala Thompson no processo de viver a cidade, haja vista as relações humanas estabelecidas no espaço urbano serem percebidas num processo permanente que resulta tanto da ação humana como dos condicionamentos herdados pelas tradições, sistema de valores, instituições, ideias dos que nela habitam, ou seja, as significações das experiências, vividas na cidade pelos personagens, sendo tratados em termos culturais: encarnadas em tradições, sistema de valores, ideias e formas institucionais que estabelecem modos de vivenciar o espaço urbano.³

Os sentidos conferidos à cidade se manifestam em palavras, a literatura, como forma de discurso se coloca como lugares por excelência da palavra. Palavras estas que permitem emergir discursos e imagens várias que possibilitam ao historiador construir interpretações e formular análise de práticas sociais do mundo social instituído no espaço da cidade.

Procurar estabelecer uma prática de pesquisa na qual a história é compreendida como ciência interpretativa em busca de significados é pressupor que a literatura pode se configurar historicamente como um processo de reconfiguração contínua do modo de habitar a cidade, ou seja, vai além de um processo de reprodução dos modos de habitar a cidade. As experiências das personagens

³ THOMPSON, op. cit., 1981.

são experiências verossímeis as da vida dos habitantes, da realidade social, experiências que estão situadas no tempo histórico em que viveram ou vivem a partir da valorização do cotidiano, do individual. Como afirma Robert Danton, é possível entender o presente nas bases materiais e culturais de uma época, piadas, contos, poemas, rituais, causos, lembranças, ou seja, a realidade social na expressão cultural das pessoas comuns, essa possibilidade acaba por ampliar as possibilidades de análises das ciências sociais.⁴

Os textos literários que tematizam a cidade fazem surgir uma espécie de imagem *bricolée*, arlequinal, onde os escritores tecem a imagem de uma cidade grande e moderna, exposta ao circuito da mercadoria.

Assim a relação a ser estabelecida entre a literatura e a história é bidirecional, uma não exclui a outra, ao contrário, se complementam. Creio que tanto a literatura, quanto os processos históricos no que se refere aos processos de urbanização possam fornecer subsídios e informações para a reconstrução do processo de urbanização da cidade.

A alma encantadora das ruas de João do Rio, publicado em 1910, constitui-se como uma obra significativa, portadora da crise, do conflito e das contradições presentes na vida cidadina. Em especial o autor cria um sentido ético, político e estético na produção

⁴ DANTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

das relações sociais em nível simbólico dentro do espaço urbano. As crônicas dessa obra têm como cenário o Rio de Janeiro, a então Capital Federal.

João do Rio em *A alma encantadora das ruas* tece uma trama envolvente ao mostrar os fios de uma realidade insólita marcada pelo dilaceramento do tecido social urbano, e a submissão dos literatos e dos artistas em geral a uma nova realidade. Realidade essa reduzida ao mais “volúvel dos valores: o valor de mercado.”⁵ Ao apontar reflexões sobre os guetos, os cortiços e as ruas do Rio de Janeiro, o autor reconstrói, através da linguagem ágil da crônica, o início do século e as paisagens da cidade que viria a ser “maravilhosa”.

A fragmentação do espaço público, a desigualdade e o preconceito em relação a diversos grupos sociais, já se anunciavam na escritura desse autor. O mosaico do modo de vida urbano, constituído pelos pequenos acontecimentos do cotidiano carioca, imbricado de relações afetivas territorializadas formava a estrutura social que compõe a outra cidade do Rio, não registrada nos documentos oficiais. O tecido social citadino encontra-se potencializado na maneira pela qual são constituídas e construídas as diversas personagens das crônicas. Na cidade do Rio, João do Rio revela o comportamento dos sujeitos sociais da vida carioca. O autor entrecruza as diversas vozes no e com o espaço urbano. No livro *A alma encantadora das ruas* a dimensão espacial não pode ser negada e nem tão pouco subestimada. É também no espaço

⁵ SEVCENKO, op. cit., 1999, p. 92.

urbano onde se assenta a criatividade, a autenticidade cultural, a literatura, a arquitetura e a estética. Flusser afirma não existir cidade sem cultura e não existir cultura sem cidade.⁶

A importância do espaço para o indivíduo deve-se ao fato de ele possibilitar a construção de relações sociais, como diria Maffesoli, de socialidade.⁷ Os sujeitos sociais se integram dentro do espaço urbano. Para Maffesoli, ao universo urbano está inerente a socialidade. O espaço da urbe é o *locus* das figurações e, em especial, essas figurações acontecem na cidade.⁸

É na cidade que a figura da *domus* se completa, ela é o mito da Terra Prometida é nela onde se realiza “a junção do material e do não material.”⁹ A cidade reporta o indivíduo ao seu encontro com o sublime, haja vista, ser ela o lugar da esperança de vida melhor para o indivíduo. João do Rio, nas crônicas *Visões do ópio* e *A fome negra* evidencia isso pela figura dos asiáticos, portugueses e espanhóis que vêm ao Rio buscar melhores condições de vida. Buscar, como diz Simmel, sonho e dinheiro.

⁶ Apud FREITAG, Bárbara. *A cidade dos homens*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

⁷ Socialidade é, para Maffesoli, o estar junto para compartilhar as coisas do cotidiano. As práticas sociais vividas no dia a dia habitam um espaço que é fator determinante de toda socialidade. Dito de outro modo, é no espaço urbano, seja ele o bar, a rua, a fábrica, a casa, ou o bairro que as relações da vida em comunidade se caracterizam, tomam forma na proximidade com o outro, com o compartilhar, enfim é o estar junto na cidade. MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

⁸ Norbert Elias define figurações como sendo o próprio conceito de sociedade. ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

⁹ CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*. Morar e cozinhar. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, v. 2.p. 32.

Afinal a cidade, na tradição ocidental, é o espaço onde tudo adquire corpo. Ela é a metáfora espacial da unidade da carne a transitar entre a pedra.¹⁰

A alma encantadora das ruas expõe um Rio de Janeiro da virada do século. Uma cidade onde o centro agregava as atividades econômicas da Capital e grande parte das moradias populares. Na primeira República as habitações coletivas como cortiços, casas de cômodos, zungas; barracos de lata ou madeira nas encostas dos morros; além de bancos de praça, escadarias e marquises; serviam de refúgio para um contingente de despossuídos urbanos. Fábricas, repartições, serviços, comércio ambulante, “viração”, era no Centro que se concentravam as possibilidades de manutenção da sobrevivência para estes setores da população.

Com a proclamação da independência, a cidade torna-se a capital do novo Império. Edificado como o centro do poder político do país, o Rio de Janeiro converte-se em um espaço no qual importantes movimentos da história brasileira viriam a se consolidar.

Sendo a maior cidade e a capital política e econômica do Império, o Rio de Janeiro concentrava a vida político-partidária de forma mais intensa que as demais regiões, portanto os movimentos abolicionistas e republicanos foram sentidos de maneira mais intensa pela até então capital brasileira.

¹⁰ SENNET, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Durante a instauração da República se conhecem na cidade novas realidades que penetram intensamente na vida dos moradores. A vivência no Rio se torna mais intensa. De uma maneira ou de outra, para melhor ou para pior, grande parte dos fluminenses foi pela primeira vez envolvida nos problemas da cidade e do país. Este envolvimento traz uma consciência nova e ampliada da vida urbana, gerando mudanças qualitativas e quantitativas no Rio da primeira década republicana.¹¹ Vê-se que as alterações da cidade do Rio foram tanto de natureza demográfica, quanto de natureza econômica e financeira.

O Rio foi também o espaço onde as inovações tecnológicas da era moderna se efetivaram. É no Rio que se presencia o advento da luz elétrica; é lá que circula o primeiro bonde elétrico; é no Rio que se vê a construção da primeira avenida destinada ao tráfego de automóveis em terras brasileiras; é também no Rio que a especulação financeira se inicia no Brasil. Enfim, essa cidade se estabelece como capital proeminente de circulação dos fluxos políticos, econômicos e sociais da nova nação.

Durante a primeira década do século XX, a cidade passa por grandes transformações espaciais, ela se amplia, novas avenidas são construídas, o Rio torna-se a Paris dos trópicos. As reformas urbanas encarecem os custos de moradia na região central da cidade e isso empurrou parte da população para os bairros mais distantes, os

¹¹ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 15.

chamados subúrbios. Aos setores ainda mais pauperizados restaram poucas alternativas: permanecer no centro, aglomerados nas habitações coletivas que resistiram atrás das fachadas ao “bota-abaixo”, como ficou conhecida a política de demolição do prefeito Pereira Passos, ou subir as encostas dos morros.

Convivendo com resquícios rurais, a cidade responsável por preparar a nova nação para uma socialização política imposta pela proclamação da República não olha pelos que sujam e denigrem sua imagem. Sitia os sujeitos em guetos e cortiços, não lhes dá trabalho, nem vida digna. João do Rio equaciona nas crônicas os problemas do cidadão sitiado à margem da sociedade burguesa carioca. Recupera as vozes dos apartados pelo regime republicano.

As crônicas de João do Rio revelam um desejo de registrar o Rio de Janeiro desvinculado do poder político. Ao optar por situar o espaço das crônicas no Rio desconhecido pelos burgueses, o autor expõe o cenário que motiva os movimentos históricos e sociais que viriam a ocorrer no espaço do então Distrito Federal.

E a volubilidade, a despreocupação, a ironia complacente do malandro nacional exterioriza-se nas canções resultantes de grandes agitações como as causadas pela lei do selo, a reforma da higiene, a vacina obrigatória. A musa não se encoleriza, ri. O selo só fez compreender ao malandro que os fornecedores podiam ser multados. [...] E a vacina obrigatória que quase apeia o governo do conselheiro Alves [...].¹²

¹² RIO, João. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951, p. 241.

As transformações sociais, políticas, econômicas e culturais adquirem amplitude e relevância para a leitura de João do Rio. Nas suas crônicas não há uma cidade perfeita ou ideal, pois a história é vivida no presente e na existência cotidiana onde se concretiza uma espacialização concreta que possibilita a intensidade da socialidade produzida.

Na obra *A alma encantadora das ruas* encontramos os reflexos da contradição que insiste em marcar a realidade brasileira, pois nela há uma representação simbólica da alma de um povo que dribla cotidianamente as misérias e as dificuldades às quais estão submetidos nas grandes cidades.

A alma encantadora das ruas de João do Rio é um livro no qual o autor apresenta uma cidade que já dá mostras da responsabilidade de preparar a nova nação para uma socialização política imposta pela proclamação da República. Há possibilidades de a capital tornar-se um centro econômico, político e administrativo da nova República.

A rua: alma (des)encantadora da cidade

Para captar a alma do Rio, João usa como pretexto um interlocutor que é levado a percorrer os becos, os guetos e as ruas com o narrador, pois é nas ruas que está a verdadeira “alma” da cidade. Portanto, a rua, para o autor, tem o mesmo sentido que a rua de Benjamin e por extensão de Baudelaire, já que o poeta foi fonte de inspiração para os dois autores.

Para João do Rio a rua não é só aquilo contido nas definições dadas pelos dicionários. Ele diz ser a rua mais do que um alinhamento de fachadas, por onde as pessoas andam. A rua é, para o autor,

[...] um fator de vida das cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdã, em Londres ou em Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é agasalhadora de misérias. [...] A rua é o aplauso dos mediócras, dos infelizes, dos miseráveis da arte. [...] A rua é generosa. O crime, o delírio, a miséria não os denuncia a ela. A rua é transformadora da língua. [...] A rua resume para o animal civilizado todo o conforto humano. Dá-lhe luz, luxo, bem estar, comodidade e até impressões selvagens. [...] A rua nasce como o homem, de um soluço, de um espasmo [...].¹³

A rua é, portanto, o lugar onde habita o *flâneur*. É nela que o autor forja tipos e identidades e é através dela que o autor exhibe a cidade rejeitada pela elite carioca. Já na primeira parte do livro onde João desvenda a rua, há uma descrição da atividade do *flâneur*, pois é por meio da figura dele que o autor apresentará o Rio de Janeiro ao leitor. Assim João nos diz que:

Flanar! Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a língua nenhuma! [...] Flanar é ser vagabundo e refletir, é não ser basbaque e comentar, é ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem [...]. Flanar é a distinção de perambular com inteligência.¹⁴

Ao mesmo tempo em que o *flâneur* é definido por João do Rio como ingênuo e possuidor de um olhar sereno e reflexivo, o autor ressalta a necessidade de ser preciso que ele tenha um espírito

¹³ RIO, op. cit., 1951, p. 10.

¹⁴ RIO, op. cit., 1951, p. 12.

investigativo, curioso e destemido para que possa fazer o registro das vozes perdidas e assim recuperar a origem das ruas pois flanar

[...] é ir por aí de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, conversar com os cantores de modinha das alfurjas da Saúde [...] é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, ir levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja.¹⁵

A percepção da cidade é associada à imagem do homem caminhando pelas ruas. Nas crônicas, essa experiência é criada pelo olhar daquele que caminha devagar, sem pressa a recolher material para revelar a cidade se formando e se destruindo no início do século XX.

Para João do Rio, leitor de Baudelaire, o verbo flanar é universal, sem entrada nos dicionários que não pertence a nenhuma língua. O *flâneur* não recusa nenhuma imagem, pois “flanar é a distinção de perambular com inteligência, o inútil também revela o artístico.”¹⁶ Ele vê a vida moderna do Rio na sua realidade dialética, as ruas por onde anda faz brotar o material da crônica, seus passos descortinam uma cidade, que “como todas as outras grandes cidades esmiúça no próprio monturo a vida dos desgraçados.”¹⁷

¹⁵ RIO, op. cit., 1951, p. 12.

¹⁶ RIO, op. cit., 1951, p. 12.

¹⁷ RIO, op. cit., 1951, p. 36.

João do Rio, assim como Baudelaire, moderniza a alegoria da linguagem urbana.¹⁸ Nas suas crônicas emprega signos e sinais da vida na urbe. O exercício de andar, de respirar, de farejar faz as imagens surgirem para a montagem dos fragmentos e criação da fantasmagoria da vida cidadina. O subúrbio é o lugar onde o narrador exercita a atividade da escrita. Essa escrita vem envolvida por

¹⁸ A visão alegórica na perspectiva benjaminiana é a possibilidade de juntar à significação a uma imagem, ou vice-versa. Para Benjamin, a alegoria se mostra como uma verdade oculta, não cabe a ela representar as coisas tal e qual elas se colocam no mundo social, na verdade a alegoria nos permite construir uma versão de como as coisas podem ser representadas. Segundo Benjamin, as alegorias estão nas ideias, assim como as ruínas estão entre as coisas. Neste sentido a alegoria, para este autor, se coloca como expressão da melancolia, pois o objeto ao se tornar alegórico sob a perspectiva da melancolia, a vida lhe escapa, ele morre, fixando ali o registro de um tempo histórico fixado para a eternidade, portanto o sentido que cabe ao objeto é aquele que o alegórico lhe concede. Benjamin distingue dois tipos de alegoria: a primeira, designada por ele como cristã, está nas origens do drama barroco, sintetiza a visão de finitude do homem no mundo. A segunda, cunhada como moderna, foi abstraída da obra de Baudelaire. A alegoria moderna está a serviço da representação na medida em que a experiência do homem moderno se revela alegórica nos processos de alienação humana. Para Benjamin essas experiências são experiências de crises e rupturas com a tradição vividas a partir do choque das sensações na grande cidade. Assim imagem alegórica, rememoração e imagem dialética se tornam conceitos que definem a alegoria moderna em toda a sua dialética encontrada na obra de Baudelaire. Desta forma o olhar sobre a história ocorre no interior da visão moderna. Uma visão na qual cada figura alegórica se constitui como possibilidades de leitura de um mesmo ângulo, desta forma a visão se torna fragmentada, na sua simultaneidade ela é partida. Por entre os detritos e as ruínas o homem moderno escolhe a experiência histórica, destituída de alma, enfim a experiência vivida do choque. Se por um lado Benjamin reconhece na modernidade a decadência da experiência humana, o que revelaria um destino catastrófico para a história, por outro ele procura a conversão das ruínas do pensamento em objeto de rememoração para o saber. Desta maneira ele vê a possibilidade de redenção da modernidade mediante a escrita alegórica. BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967 e BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1995, v. 3.

uma bruma artificial da cidade que se quer moderna. É no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro onde João do Rio vagueia e extrai a expressão da criação literária.

Mas essa criação não é marcada por um olhar calejado, nem esperançoso. É o olhar do *flâneur* que descobre as coisas, um olhar vago e ao mesmo tempo atento observador da fisionomia das ruas do Rio de Janeiro. “Daí o desocupado *flâneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas.”¹⁹

O literato desce às ruas e se introduz na vida diária dos cariocas suburbanos, faz surgir pelos olhos do *flâneur* uma realidade marcada por transformações alquímicas. Mas o cronista traz os resultados e não os elementos que contêm o processo alquímico. João do Rio foge do romantismo, enfrenta a consciência do contemporâneo, não propõe uma fuga para lugares exóticos, mas expõe os fatos captados pelo olhar daquele que vaga pelas ruas do Rio de Janeiro. A cidade é o alimento para a criação literária, para a criação da “cidade texto”. Esse alimento é recolhido pelo andar anônimo do *flâneur*, sendo da realidade cidadina que o cronista extrai sua força criadora.

Assim também fez Walter Benjamin. Inspirado em Baudelaire apresentou nas *Passagens* a cidade de Paris, uma cidade na qual as condições de vida condicionavam uma existência oscilante entre as relações inevitáveis dos tipos urbanos registrados na figura

¹⁹ RIO, op. cit., 1951, p. 12.

do vendedor ambulante do *boulevard* até o mais elegante frequentador da ópera. Flanar em Paris só é possível, segundo Benjamin, devido às galerias que se constituem em pequenos mundos e por isso dão ao *flâneur* a sensação da segurança de sua casa, pois “nesse mundo o *flâneur* está em casa [...] as galerias são um meio termo entre a rua e o interior da casa.”²⁰

O espetáculo oferecido por Benjamin das ruas parisienses só é possível devido à sua entrega absoluta à *flânerie* onde partilha com o leitor a sensação de percorrer calmamente as ruas da cidade. É nas ruas dessa cidade que ele absorve e ao mesmo tempo é absorvido por um sentimento inebriante e ébrio ao qual se abandona a empatia frente à multidão.

Benjamin, ao flanar por Paris, recolhe aquilo que lhe é mais peculiar, por isso nos fornece a imagem de um momento único dado por uma linguagem quase fotográfica. Essa linguagem minuciosa e descritiva guarda uma Paris em que as ruas e a arquitetura da “cidade das luzes” desenham as pequenas ruelas, as galerias com seus tetos de vidro e os elegantes estabelecimentos comerciais com suas mercadorias expostas. Há nas *Passagens* um retrato singular dos labirintos, dos bairros e, sobretudo, da organização política e econômica e, como não poderia deixar de ser, como se dá a relação paradoxal da mercadoria no que concerne ao seu valor de uso e seu valor de troca.

²⁰ BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. In: _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1995, v. 2, p. 35.

Ao flunar pelo Rio de Janeiro do início do século XX, João do Rio, também, decifra nas estratégias dos aglomerados humanos da vida carioca a fisionomia da metrópole moderna. A cidade de todos os dias é para *A alma encantadora das ruas* aquele espaço onde se vive na imperfeição, onde os afetos e desafetos se enraízam. É de alguma forma o lugar no qual se realiza a harmonia plural do humano e da pedra. A espacialidade urbana em que tudo adquire corpo é um lugar dinâmico feito de ódios e amores, de conflitos e distenções, cujas relações humanas são vividas diariamente. Para Simmel, a espacialidade da urbe é modulada de maneiras diversas. A cidade é uma estrutura do dado social, favorece momentos de intensidades fugazes, porém pontuais. Sennet, por sua vez, afirma que o “espaço da cidade é o espaço do mundo.”²¹

No decorrer das crônicas a linguagem literária através da verossimilhança e da função mimética fornece um rico material para o estudo dos processos de urbanização do Rio. É possível encontrar no livro um relato minucioso das atividades industriais, comerciais, financeiras e administrativas, enfim do modo de vida que se institui na cidade no começo do século XX. Há, portanto, fragmentos que recuperam nas pequenas profissões a cidade enquanto espaço onde se dá a divisão do trabalho e o lugar em que se instala o circuito da mercadoria.

²¹ SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973 e SENNET, op. cit., 1997, p. 87.

A crônica de João do Rio desvela essa urbe calcada sobre a fachada da modernidade.²² Rompe e reafirma a máscara cosmopolita na figura do mercado e do cais por onde anda a apreciar o burburinho da população. O escrito *A alma encantadora das ruas* mostra o caco, o escombros, o entulho e a poeira da Primeira República. As crônicas-reportagem fixam o espaço dos tatuadores, dos operários,

²² Na perspectiva de Raymundo Faoro, a modernidade é consequência de um movimento espontâneo da sociedade e da economia. Ela reestrutura a vida social, no sentido de dar novas perspectivas econômicas, culturais e políticas aos indivíduos. A modernidade amplia a sua expansão a todas as classes sociais, reorganizando e, muitas vezes, removendo seus papéis sociais. No Brasil, a modernidade se constitui através da dialética entre o velho e o novo. Na leitura proposta por Faoro, a modernidade está subvertida à tradição. Já a modernização, feita sem envolvimento da sociedade, caracteriza-se como uma reforma do alto, por isso não altera a estrutura social e, muito menos, os valores que nela se colocam. Em verdade, na modernização não se alteram os atores do estamento, sendo que as relações estamentais de poder permanecem intactas, ou seja, os valores dominantes e a pirâmide social continuam iguais. Analisando a modernidade no Brasil, Faoro percebe a necessidade de o país descobrir a pista da lei natural do seu desenvolvimento, o que demonstra que para ele a modernidade deveria ser uma atualização de um devir natural. Porém, ao continuar sua análise ele ressalta que o Brasil nunca encontrou este caminho na trilha da modernidade, o que acabou por sufocar uma modernidade em maturação. Assim, o esforço de modernização, no sentido de revitalização da pirâmide social e dos valores dominantes, nunca encontrou eco na história do Brasil. Percebe-se, nesta leitura, ser para Faoro o esforço da modernização inútil. A modernização como produto da estrutura patrimonial só chega até onde a modernidade é possível, ou seja, no limite em que a própria modernidade dá autonomia às classes alta, sendo ela recoberta pela modernização, que as aprisiona e as dirige, embora tanto a modernidade quanto a modernização excluam o povo do pacto social. Talvez, por isso, os projetos modernizadores brasileiros incorrem em tantos “desvios patológicos”. FAORO, Raymundo. *Existe um pensamento político brasileiro?* São Paulo: Ática, 1994.

dos fumadores de ópio, das coristas, das prostitutas, dos criminosos. Enfim, elas recuperam o caleidoscópio das ruas de uma cidade apartada que expõe o processo de modernização da cidade.²³

João do Rio embriaga-se pela metrópole que é o Rio de Janeiro. Põe em fulcro uma percepção da cidade, infinitamente mais complexa daquela assumida por Olavo Bilac em suas crônicas ao exaltar euforicamente a reforma de Pereira Passos.

Assim a frívola City cede o palco da escrita àqueles “núcleos persistentes” que compõem “A alma encantadora das ruas”. Os textos encenam o que mancha o projeto da cidade da virtude civilizada, da cidade ideal que a ordem planejou. Encenam aspectos da antitética cidade do vício, símbolo e estigma dos males sociais.²⁴

Ao reconstituir o espaço dilacerado, o repórter-cronista, remonta às ruínas da cidade, assim como fez Baudelaire ao andar sobre as ruínas de Paris após a reforma de Haussmann. João do Rio apreende as vozes dos expurgados que não embelezavam a cidade. É nesse sentido que a metáfora do corpo biológico permite uma leitura da cidade ligada à tradição do corpo citadino, tornando a cidade algo familiar e apreensível aos olhos. O campo mimético se traduz por uma concretude cultural ligada a um universo social em que a política e a economia se revelam pelas tradições e pelas ações das personagens. O narrador retoma a visão do eterno no que é transitório.²⁵

²³ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade, literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

²⁴ GOMES, op. cit., 1994, p. 111.

²⁵ GOMES, op. cit., 1994, p. 111.

O Brasil, dentro dessa nova ordem, precisava restabelecer a imagem austera e conservadora comum no Império. Deste modo instaura-se a *República dos Conselheiros*, ou seja, todo o processo de recuperação das finanças e da imagem de estabilidade fez-se sob a égide de uma elite vinda dos mais altos escalões da política e da administração do Império.

Este arranjo para a criação de um Estado-Nação brasileiro excluía a participação social no sistema produtivo e só se tornou possível graças às estruturas e forças sócio-políticas tradicionais do interior do país. De acordo com a análise de Nicolau Sevcenko, tal situação deixa entrever que o progresso e a reestruturação se deram em esferas extremamente limitadas, não atingiram o país e nem a sociedade de forma global.

Sevcenko em seu trabalho apresenta uma crítica de como a *Política de Regeneração*, a grande industrialização, a vida de aparências e o *glamour* aliados à abolição e à crise da economia cafeeira provocaram um formidável crescimento populacional na cidade do Rio de Janeiro e as conseqüências destes acontecimentos para as camadas mais humildes da sociedade.

A maior parte e a mais miserável parcela da população, despojada dos primordiais direitos humanos, vivia em estado de absoluta miséria, desempregada ou subempregada, sujeita a toda sorte de doenças devido à falta de saneamento, habitava barracões ou “casa de cômodos” em situação de total promiscuidade, formando a legião das “vítimas da Regeneração”.

A inserção do Brasil no mercado internacional não comportava uma imagem associada à doença ou ao atraso, tal qual o Rio descrito por João do Rio, na Europa. Desse modo, sanear a cidade prescindia não só da erradicação das doenças, das moléstias, mas da renovação estética da cidade, o aspecto dos logradouros públicos e os costumes de seu povo.

Se o Rio de Janeiro, a Capital Federal, era responsável por dar visibilidade ao Brasil no mercado econômico, tornava-se necessário modificar sua face doente. Portanto, um país dependente, com um processo de modernização atrelado ao modelo europeu, em que sua economia era determinada por um movimento do mercado econômico internacional, não podia ostentar uma imagem ligada ao atraso, pois seria isso um empecilho para atrair o olhar e os investimentos do capital estrangeiro. Ao implementar as reformas Pereira Passos responde a essa determinação e oferece ao mundo um novo rosto, onde se verifica a imagem da plena credibilidade do Brasil civilizado, caracterizado pela ideia de prosperidade, pela “ordem e pelo progresso”, o novo lema do país tropical. Sevcenko explica que

[...] acompanhar o progresso significava somente uma coisa: alinhar-se com os padrões e o ritmo de desdobramento da economia europeia, onde “nas indústrias e no comércio o progresso do século foi assombroso, e a rapidez desse progresso miraculosa”. A imagem do progresso – versão prática do conceito homólogo de civilização – se transforma na obsessão coletiva da nova burguesia. A alavanca capaz de desencadeá-lo, entretanto, a moeda rutilante e consolidada, mostrava-se evasiva às condições da sociedade carioca.²⁶

²⁶ SEVCENKO, op. cit., 1999, p. 29.

Diante da demanda dos novos tempos a remodelação urbana poderia dar as condições que faltavam ao Rio para se inserir definitivamente na nova ordem econômica. Daria à cidade a redenção da sua condição de colônia. Ao se destruir a velha cidade demoliria junto a imagem do atraso da sociedade imperial, o que contribuiria para modelar um critério utilitário de uma nova maneira de se instituir o relacionamento social e a própria sociedade, sequiosa de concretizar seus anseios modernizantes. Assim, há uma condenação veemente de certos comportamentos tradicionais, que aparecem como desviados diante do novo parâmetro, quais sejam: a serenata e a boemia.²⁷

As palavras de ordem eram sanear e embelezar a cidade. De forma rápida e eficiente, sob o estilo tecnocrático e autoritário da Primeira República, o engenheiro-prefeito Pereira Passos age livremente por seis meses amparado em um decreto que lhe conferia plenos poderes para encaminhar rapidamente a reforma. Inspirado em Paris, cidade também reformada pelo Barão de Haussmann, Pereira Passos modificou o centro da cidade, abriu a avenida Atlântica e a avenida Beira-Mar, construiu e reformou vários jardins, deu aos bondes tração elétrica e inaugurou um novo porto para receber os novos cargueiros. Enfim, empreendeu o processo de modernização nos moldes descritos por Faoro, excluindo o povo espremido atrás do cartão postal do pacto social.

²⁷ SEVCENKO, op. cit., 1999, p. 29.

Logo sentiram-se os primeiros efeitos da reforma. A população expulsa, especialmente do centro transformado, apertou-se mais nos lugares não mexidos pelo “bota-abaixo” de Pereira Passos; ou subiu aos morros, sendo que alguns foram para a cidade nova e para os subúrbios. Mas a reforma abriu espaço para o mundo elegante, para a burguesia circular. O mundo da *belle-époque* fascinado pela Europa passeava de carro pela avenida Beira-Mar. A avenida Central abriu espaço para a elegância carioca, antes espremida na rua do Ouvidor e em Botafogo, mostrar sua moda afrancesada. Finalmente o Brasil branco e europeizado escondia o Brasil negro e pobre. Ironicamente João do Rio reconstituiu esse período da vida carioca em um trecho da crônica *Como se ouve a missa do galo*. Vejamos:

Naquele delicioso percurso da avenida Beira-Mar, toda ensopada de luz elétrica, outros automóveis de toldo arriado, outros carros, outras conduções corriam na mesma direção. Homens espaçados nas almofadas davam vivas, às mulheres de grandes chapéus estralejavam risos. Era uma estrepitosa e inédita corrida para a “Citéra”. Quando, no fim da avenida, os automóveis seguiram pelas antigas ruas, cada encontro de bonde era uma catástrofe. Os “tramways”, apesar de comboiarem três carros iam com gente até aos tejadilhos, e essa gente furiosa, numa fúria que lembrava bem a vertigem de Dionísios, berrava, apostava, atirava bengalas num desejo de corpos e de conveniências. Entretanto, pelas mesmas ruas, a corrida aumentava e era uma disparada louca entre vociferações, sons de corneta, tren-tem-tems de bondes, estalar de chicote. Quando passamos o túnel num fracasso de metralha e demos nos campos de Copacabana, a velocidade foi vertiginosa, e era a sanha dos fon-fons, ao estrépito das rodas, a linha de fiéis da redondeza marginando o capinzal e, à jinha. Recostei-me. O automóvel saltava como um orango ébrio, no piso mau.²⁸

²⁸ RIO, op. cit., 1951, p. 119.

Mas a cidade moderna é um espetáculo tanto para a burguesia como para os mais pobres. Os que têm mais usufruem as facilidades da tecnologia do prazer da velocidade e do conforto dos automóveis. Os que têm menos, ou não têm nada, contemplam abertos o espetáculo da vida moderna que se edifica na cidade.

De repente fez uma curva e entrou numa rua cheia de gente, de carros, de outros automóveis. Estávamos no grande sítio [...]. Cerca de três mil pessoas – pessoas de todas as classes, desde a mais alta e a mais rica à mais pobre e à mais baixa, enchia aquele trecho, subia promontório acima. E o aspecto era edificante.²⁹

Simbolicamente a cidade do Rio se transforma na metrópole moderna, é a Paris dos trópicos, *glamourizada* pela decoração que derrubou o morro do Castelo, perfurou túneis e edificou prédios ao estilo europeu. A alteração do traçado urbano, as belas fachadas e os ares da avenida Beira-Mar encantaram uma poeta francesa que esteve no Rio a passeio, ao retornar à França publicou um livro sob o título de *La ville mervilleuse*. Finalmente a cidade é recompensada, uma francesa havia lhe dirigido o olhar.

Mas atrás das belas fachadas e separadas da avenida Atlântica vivia a população expulsa do centro da cidade. Como diz Curry, o avesso do cartão postal estava espremido, sobrevivendo às dificuldades do dia a dia. E é esse avesso que interessa para o nosso cronista, ou seja, tematizar a rua, esse caleidoscópio no qual se ergue a alegoria da vida urbana.

²⁹ RIO, op. cit., 1951, p. 119.

A rua é, para João do Rio, o reflexo do homem, sendo que ela adquire corpo e alma. Ao percorrê-la com o olhar em movimento – próprio ao narrador moderno – o narrador faz emergir, sob o encanto da Cidade Maravilhosa a “trágica reificação da modernidade que erige seus momentos com a face dupla da cultura e da barbárie.”³⁰ Os novos logradouros do centro do Rio, as avenidas Atlântica e Beira-Mar, foram erguidos sob o fato da expulsão e do desamparo, por parte do Estado, de todo um grupo de pessoas.

A rua é ao mesmo tempo sinônimo de liberdade, a musa, e um roteiro de arremetimento dos signos da modernidade.

As ruas tem alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a história de uma cidade inteira. [...] Se as ruas são entes vivos, as ruas pensam, têm idéia, filosofia e religião. Há ruas inteiramente católicas, ruas protestantes, ruas livres, ruas pensadoras e até ruas sem religião.³¹

E assim segue João do Rio pelas ruas humanizadas a descrever e a reconstituir a imagem do Rio de Janeiro como uma urbe carregada de tensões sociais, na qual o povo é alijado das decisões políticas e não possui assistência do poder estatal ao disputar o espaço urbano para a sua sobrevivência cotidiana. A cidade da palavra forma o texto das ruas; a rua do Ouvidor, artéria da futilidade; a rua da Misericórdia, guarda a história dos primórdios do Rio, foi

³⁰ RIO, op. cit., 1951, p. 47.

³¹ RIO, op. cit., 1951, p. 19.

a primeira rua pisada por negros e pela corte portuguesa; a rua das Laranjeiras, rua das festas e das alegrias; as ruas de Santa Teresa, lugar de modinha e festejos; enfim, as ruas remontam a mais triste das realidades das personagens suburbanas de João do Rio, a rua da Amargura.

Vê-se que a rua aglutina, é o espaço da multidão e é também responsável pelas modificações de uma estrutura social. Portanto, o *flâneur*, que tem como morada a rua, é um observador contundente no recolhimento do material que reflete o modo de vida da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, dando indícios que podem retratar o processo de megalopolização da cidade. João do Rio ressalta a importância da Rua para a sociedade humana no trecho que se segue:

Se a rua é para o homem urbano o que a estrada foi para o homem social, é claro que a preocupação maior, a associada a todas as outras idéias do ser das cidades, é a rua. Nós pensamos sempre na rua. Desde os mais tenros anos ela resume para o homem todos os ideais, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e de difamação – idéias gerais – até a aspiração de dinheiro, de alegria e de amor, idéias particulares. [...] A rua é a nossa própria existência.³²

Nessa busca da alma encantadora das ruas do Rio de Janeiro, João do Rio comporta-se como Walter Benjamin. A rua torna-se para os dois um ente personificado, ela ganha vida na medida em que determina, influencia e reflete o indivíduo. A rua aglutina, é o espaço das multidões, ela é a responsável pelas modificações de uma estrutura social. Portanto, João do Rio e Benjamin a elegem como *locus* privilegiado para recolher o material de suas escrituras.

³² RIO, op. cit., 1951, p. 25.

O primeiro transforma-a em arte literária e o outro em material de estudo histórico, mas os dois refletem sobre o modo de vida urbano, nosso objeto de estudo.

Tanto para João do Rio e como para Walter Benjamin, a rua traz os recantos da cidade, expõe seus cantos, seus encantos, seus desencantos e explica a maneira como a sociabilidade se forma na vida moderna. Na rua o olhar está livre da obliteração das paredes dos salões burgueses, faz emergir as vozes de um segmento da população até então silenciado. É na rua que os pintores, os desenhistas, os literatos, os artistas e o povo em geral surgem aos olhos da literatura. A rua faz a escrita se surpreender constantemente, ela exige o olhar dirigido aos mínimos detalhes, ela precisa ser escavada a todo o momento. Há na rua uma nova sensibilidade cotidiana de um conjunto social inusitado em que o problema da identidade e da aparência do homem se constrói de maneira inusitada sob as novas formas de socialidade que a vida urbana evoca na modernidade.

A cidade do Rio de Janeiro se constrói na obra de João do Rio como um espaço labiríntico. Ela se mantém inseparável da dicotomia entre o moderno e o arcaico. O indivíduo se liga de forma insolúvel à estrutura da cidade, sendo ele próprio reflexo da alma da rua, e vice versa. O corpo não se desliga da pedra, por isso, *A alma encantadora das ruas*, permite ao *flâneur* transitar num vasto fluxo imagético que parece infinito no espaço da cidade. O *flâneur*-

-jornalista de João do Rio, ao ver na crônica a melhor possibilidade de recolher essas imagens, desvela o fetiche da fantasmagoria criada pela invenção da República.

Portanto, o aspecto paradigmático da cidade está assente nas ideias de Terra Prometida (Babilônia) e de Terra Eleita (Jerusalém). É nestas ideias que se constitui a matéria da linguagem da crônica que recolhe o lixo da cidade na sua caminhada e no seu vagar pelas ruas da urbe. E desse lixo surgem os anti-heróis criados pela república renegada. O Rio de Janeiro é para João do Rio um espaço de apreensão e ao mesmo tempo de revelação de como se constrói a sociedade e se realizam as relações sociais a respeito do fetiche.

É a partir da cidade que a consciência de um novo gênero se coloca para o escritor. Um gênero que discute o jogo, as prostitutas, as reformas de Pereira Passos, a vida dos operários, sem romancear os fatos. Esses temas aproximam João do Rio das grandes discussões da História na medida em que a vida urbana é o alimento para a sua escritura e tema de análise para diversas questões que se colocam na modernidade.

Assim, a cidade no texto literário se consolida como uma urbe na qual se ergue uma nova ordem do processo de urbanização, tornando-se o tema e o sujeito na construção de significações. Apoiando-nos na leitura de Walter Benjamin, pode-se sugerir ser a cidade o lugar onde as coisas acontecem e também ser o espaço urbano o local em que se consolidam as novas tecnologias, a política e a vida cultural na modernidade no Rio

de Janeiro de João do Rio. No espaço urbano é possível abstrair um campo extenso para se verificar o processo de modernização, pois a cidade é o corpo no qual se inscrevem com maior intensidade as emoções, as paixões e as experiências do indivíduo na *urbe*.

A cidade se consubstancia como um espaço onde se pronuncia uma diversidade de eventos, fatos e acontecimentos que se modificam no decurso da História possibilitando a identificação de diversos atores que vivenciam ou vivenciaram transformações sociais, oferecendo ao pesquisador um material importante de análise do modo de vida urbana. A cidade circunscreve no cidadão um novo modo de vivenciá-la, seja como lugar de mercado, tal como aponta Max Weber, ou na forma de constituir as relações sociais no ambiente urbano.

O problema que se caracteriza como centro da investigação historiográfica urbana está na possibilidade de o historiador descobrir as formas de organização social, presentes, ou prestes a emergir em grupamentos. À primeira vista, esses grupamentos parecem compactos, permanentes, mas, em essência, sufocam uma heterogeneidade de caráter dinâmico.

Relativa às necessidades, a ideia de conhecimento exige uma representação do mundo geral e conceitual que se opõe à realidade profunda e essencialmente individual dos seres. O conhecimento funciona para indivíduos e as espécies como a busca da verdade que corresponde à maneira de ser dos mesmos. Suas representações

do real e os campos simbólicos materializados para evidenciar as relações sociais, constituem a resposta adequada. Simmel, em suas posições teóricas, tenta superar a tentação do relativismo individualista ao afirmar que toda visão individual proporciona somente uma possibilidade de leitura do presente, uma parte fragmentada do objeto.³³

O olhar de João do Rio permite superar esta tentação ao relativismo individualista na medida em que adverte o leitor para as características inumanas da cidade. O autor, ao analisar as transformações impostas pelo processo de modernização imputado à cidade, reconhece ser a implosão da cidade a própria implosão da arte literária. Consciente dessa metamorfose constata a cidade perecível e sofre com essa realidade. É nesse jogo urbanístico do Rio no início do século XX que aglutina a ideia de construir-destruir e destruir-construir que o autor reconstrói a linguagem da crônica como opção para desvendar a fantasmagoria da cidade que se quer maravilhosa.

Esse espaço da cidade que permite o jogo da diferença é a trama social que assume a fisionomia dos lugares, das ruas e dos mercados. A cidade é, portanto, essa experiência estética de viver e experimentar emoções, sentimentos, paixões comuns nos mais diversos domínios da vida moderna. É isso que amplifica na cidade a vida social e torna-se uma parte considerável do imaginário literário

³³ SIMMEL, op. cit., 1973.

da crônica contente em viver o dia a dia para recolher a lama do lixo e transformá-la em ouro, ressignificando os fatos anunciadores do processo de megalopolização da cidade do Rio de Janeiro.

Referências

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

_____. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1995, v. 3.

_____. Rua de mão única. In: _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1995, v. 2.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*. Morar e cozinhar. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, v. 2.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

FAORO, Raymundo. *Existe um pensamento político brasileiro?* São Paulo: Ática, 1994.

FREITAG, Bárbara. *A cidade dos homens*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

SENNET, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Fontes

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade, literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RIO, João. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

Recebido em 27 de fevereiro de 2012; aprovado em 12 de junho de 2012.